

A dolorosa raiz do micondó

Prisca Agustoni de Almeida Pereira *

Patrícia Ribeiro **

LIMA, Conceição. *A dolorosa raiz do micondó*. Lisboa: Caminho, 2006.

A dolorosa raiz do micondó, obra lançada em 2006, pela Editora Caminho, de autoria de Conceição Lima, poeta e jornalista, natural de São Tomé e Príncipe, propicia aos leitores a imersão em parte da história dessas ilhas e do continente africano, dando continuidade à proposta estética e literária de *O útero da casa*, primeira antologia da autora, publicada em 2004, pela mesma editora.

Conceição Lima ganhou destaque entre os poetas que começaram a escrever e publicar no contexto pós-independência de São Tomé e Príncipe, a qual data de 1975. A estreia da autora ocorreu em 1984, e, desde então, ela tem poemas dispersos em antologias, jornais e revistas de vários países.

O título dessa obra aponta para o eixo temático dos poemas que a integram, qual seja a busca das origens. O micondó, encontrado em São Tomé e Príncipe, é uma espécie do baobá, árvore presente em grande parte da África, que apresenta raízes profundas, tronco enorme e com reserva de água, podendo atingir até vinte e três metros de altura e ultrapassar dois mil anos de vida. Esse exemplar da flora local possui valor econômico e cultural para os nativos, sendo considerado por muitos uma árvore sagrada. Assim, o micondó insere-se nos poemas como metáfora para a busca das origens e também para tratar da relação com os antepassados do continente africano, submetidos ao processo diaspórico devido à escravidão. Quando o nome da árvore não aparece explícito, ele é retomado por um processo metonímico por meio dos vocábulos folha e raiz.

Na época do povoamento, as ilhas de São Tomé e Príncipe receberam escravos, trazidos pelos portugueses, de vários países do continente africano para constituírem mão-de-obra nas lavouras de cana-de-açúcar. O contato entre os grupos de escravos de diferentes origens e destes com o colonizador resultou na presença de algumas línguas crioulas, faladas ainda hoje nas ilhas. A obra de Conceição Lima reflete essa diversidade linguística e apresenta um glossário com termos em crioulo que, na maioria das vezes, remetem a rituais religiosos ou a elementos da fauna e flora que dão a conhecer o cenário do arquipélago.

A voz poética, nessa antologia, oscila entre primeira pessoa do singular, que permite a realização de textos de caráter autobiográfico, e a terceira pessoa do singular, aparecendo, às vezes, a primeira pessoa do plural, quando se expõem os ideais da coletividade em relação à pátria.

O poema de abertura, “Canto obscuro às raízes”, trata da busca da ancestralidade por meio da voz autobiográfica, mas expande o universo particular ao evocar Alex Haley (1921-1992), jornalista e escritor afro-americano, que no romance *Roots* (1976) também aborda o tema da busca da origem. Esse poema também recupera a imagem do *griot*, figura associada à oralidade e essencial para a preservação da memória na cultura africana.

Ainda vinculado à perspectiva autobiográfica, destaca-se “Pantufó”, nome de uma aldeia próxima de São Tomé e Príncipe, cujos versos, para além do plano pessoal, fazem uma crítica à política local: “Políticos trapaceiros/ que traficam votos e pão/ eleitores matreiros/ que devoram o voto e pão” (p.38). Outro texto dessa linha é “São João da Vargem”, extenso poema dividido em quatro partes que relatam a infância e rememoram laços afetivos do eu poético.

Por outro lado, dentre os poemas que atingem a dimensão coletiva por fazerem referência à história de São Tomé e Príncipe destaca-se “Anti-epopéia”, que discorre sobre os danos da

colonização: “Aquele a quem a voz da tribo ungiu/ chamou rei, de poderes investiu// Por panos, por espelhos, por missangas/ por ganância, avidez, bugigangas/ a porta da corte abriu/ de povo seu reino exauriu” (p.20). Outro poema desse eixo temático é “Zálíma Gabon”, cujos versos, dedicados a ex-escravos, retratam a escravidão e as mortes decorrentes desse processo como uma memória inesquecível que assola a coletividade do arquipélago: “Falo destes mortos como da casa, o pôr do sol, o curso d’água/ São tangíveis com suas pupilas de cadáveres sem cova/ a patética sombra, seus ossos sem rumo, sem abrigo”(p.22).

Associado a esses poemas de feição histórica, encontra-se “1953”, cujo título refere-se ao ano do episódio conhecido como “massacre de Batepá”, uma rebelião realizada por descendentes de escravos alforriados por serem forçados a trabalhar nas propriedades dos colonizadores. Esse movimento foi reprimido com violência, acarretando em muitas mortes. Mas esse poema ainda remete a um fato histórico positivo — a independência do Gana, em 1957, conforme os versos: “E na primeira das nações, Kwame, o Africano/ projecta a visão de um destino sem fronteiras” (p.25). Kwame Nkrumah (1909-1972), líder político africano, foi primeiro ministro em Gana após a independência e, mais tarde, tornou-se presidente.

Embora essa antologia prime pela incursão no contexto e história de São Tomé e Príncipe e, por outras vezes, faça alusões ao continente africano, a autora não renuncia à exposição de fatos contemporâneos como em “Jenin”, que diz respeito ao conflito entre soldados israelenses e palestinos, na cidade de Jenin, na Palestina, em abril de 2002.

No que concerne à expressão dos anseios da coletividade em relação à pátria, o poema “Sóya” retrata o renascimento do micondó como metáfora da expectativa de possíveis mudanças após a independência: “Há de nascer de novo o micondó — / belo, imperfeito, no centro do quintal” (p.67). E nos versos finais, a voz poética assume a primeira pessoa do plural para manifestar o desejo de retorno a casa, símbolo da pátria como um lugar de refúgio: “Reabitaremos à casa, nossa intacta morada” (p.68).

Essa obra, em consonância com o período pós-independência, sugere que se lance o olhar para os fatos históricos com o intuito de flagrar o dilaceramento das ilhas devido à colonização. No entanto, o eu poético vai além da resignação e constatação das atrocidades do regime colonial, pois a elaborada metáfora do micondó e do retorno à casa aponta para a busca das origens como uma tentativa de reconstrução dos elos com os antepassados e de reinvenção da imagem da nação, prevalecendo a esperança e o desejo de mudanças. Além de contribuir para a revisão e reflexão sobre a história do arquipélago, a obra também elabora imagens que permitem ao leitor conhecer um pouco sobre a fauna, a flora e a diversidade linguística de São Tomé e Príncipe, proporcionando, assim, uma rica experiência estética atrelada à leitura por um viés político e histórico.

Nota explicativa

* Professora Adjunta da Faculdade de Letras, UFJF

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, UFJF